

COIMBRA, 16 DE JANEIRO DE 2020



Homilia

“As almas dos justos estão nas mãos de Deus. A sua saída deste mundo foi considerada uma desgraça, mas eles estão em paz! A sua esperança é cheia de imortalidade. Deus provou-os como ouro no crisol e achou-os dignos de Si” (Sabedoria 3).

“Deus nos pôs como homens condenados à morte, como espectáculo para o mundo. Loucos por causa de Cristo. Insultam-nos e somos abençoados, perseguem-nos e suportamos: considerados lixo para este mundo” (I Cor.,9).

“Envio-vos como ovelhas ente lobos. Hão-de entregar-vos aos tribunais, açoitar-vos, para dar testemunho diante deles e das nações” (Mt. 10).

Saúdo fraternalmente...

A história é mestra da vida, ousa dizer-se, mas não se pode bloquear, porque não está tudo dito, há sempre uma palavra nova, um novo caminho que se deve discernir para cumprir.

Não duvidamos. A vida é um seguir constante do caminho iniciado em Deus, percorrido pelas criaturas, até voltar à origem. **A vida está sempre por fazer...** Os santos são discípulos da Sabedoria Única, que não nasceu há 2 dias, mas é a origem de toda a vida. Vida que só é eterna; passa, de geração em geração, em aprendizagem permanente, de Mestre para discípulos.

Este é um momento saudável que estamos a viver em encontro comunitário. Momento de serenar, contemplar e rezar. Momento para mudança, conversão, renovação de vida, esquecermos o individualismo, que, por vezes, fecha a pessoa à volta do seu telemóvel.

Celebramos um grato acontecimento da História que tem oitocentos anos: os Santos Mártires de Marrocos. O gesto heróico do seu martírio tem como fonte a eterna Sabedoria; a que baixou à natureza humana para ensinar a sabedoria de viver. Nela eles foram iluminados e encorajados para o testemunho do martírio.

Não é possível celebrar a história com um simples clique. Exige aprender de novo a verdadeira sabedoria da vida; exige trabalho, empenhamento e novos propósitos, para não ser mais um, entre os muitos outros eventos que passam na nossa vida. Ocasão para revigorar a fé, que nos torne mais inquietos na exigência de sermos missão, numa sociedade que, discreta ou declaradamente, vai esquecendo e negando a sua identidade, a sua história, a sua fé, substituindo-a por ideologias de ponta e modas de momento.

Um rápido recordar da história destes Santos Mártires, nossos irmãos:

No Capítulo Geral do Pentecostes, da Ordem dos Frades Menores, em 1219, foi decidido que “*os discípulos de Francisco de Assis partam em missão*” entre os então chamados “*infiéis*”.

Um primeiro grupo foi de 5 frades. Homens jovens, sábios e santos, foram enviados em missão, a Marrocos, por S. [Francisco](#), a levar a Verdade, e a Sabedoria de viver a esses povos.

Os missionários são: Frei Vital, (que adoeceu pelo caminho, em Aragão, e não pôde continuar) Frei [Berardo](#), Frei [Otão](#) (sacerdotes), Frei [Pedro](#) (Diácono), Frei [Acúrsio](#) e Frei [Adjuto](#) (Leigos).

No caminho para o seu destino, em Espanha, foram duramente perseguidos e castigados.

Chegados a Portugal, na rota do seu destino, ficaram uns tempos em Coimbra, hospedados por seus confrades no pequeno ermitério de Santo Antão dos Olivais, onde estes já viviam desde 1217/18. Foi daqui que partiram para a missão.

O próprio Poverello já lá tinha ido, com os cruzados, em 1213, passando pela Lombardia, Piemonte e França. O seu velho sonho de chegar a Marrocos concretizou-se no encontro com o Sultão de Damietta, a quem anunciou com a alegria o Evangelho de Jesus, sem luta, sem imposição, sem espada, sem violência; só em paz e respeito. Declarou que era cristão. Voltou entusiasmado e, cheio de alegria e esperança, enviou este primeiro grupo dos seus seguidores para que continuem a evangelizar aqueles povos.

Ao enviá-los Francisco ter-lhes-á recomendado: “*Meus Filhos o Senhor disse-me que vos mande aos sarracenos a lhes pregar a fé e a combater a lei de maíoma. Eu vou também a outras terras trabalhar na salvação dos infiéis. Sede prestos a cumprir a vontade do senhor. Entre vós conservai a paz, a concórdia e a caridade. Sede humildes na tribulação e imitai a Jesus Cristo na pobreza na castidade de na obediência. Ponde as vossas esperanças em Deus, ele vos sustentará e vos guiará. Aquele que vos envia, Ele mesmo velará por vós e vos inspirará o que houverdes de dizer*”. Ajoelharam e S. Francisco concluiu: “*Desça sobre vós a bênção de Deus Pai, como desceu sobre os Apóstolos. Ele vos acompanhe e fortifique nas tribulações. Não temais nada porque Deus está convosco. Ide em Nome do Senhor*”.

Chegados a Marrocos, não demoraram a iniciar corajosamente o cumprimento do mandato do Pai Francisco, pregando a Verdade da Palavra de Deus. Mas, porque as palavras não convenciam, inspirados por Deus, ter-se-ão lembrado das palavras de S.

Francisco, na Regra não Bulada, nº 10: *“E todos os irmãos, onde quer que estiverem, lembrem-se que a si mesmo se deram e entregaram seus corpos a Nosso Senhor Jesus Cristo, e que, por seu amor se devem expor aos inimigos visíveis e invisíveis, porque diz o Senhor: Quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á para a vida eterna”*.

Recorreram então a outra força maior: o testemunho máximo da fé pelo martírio cruel, desprezando os valores oferecidos: riquezas, prazeres, honrarias. E, *“combatendo o bom combate, de firmes e fiéis soldados, selaram o testemunho com o sangue derramado”* (Comum dos Mártires). Era o dia 16 de janeiro de 1220. Trocaram a sabedoria terrena e caduca pela eterna: Entregando os seus corpos para o martírio, deram o maior testemunho de fé em Deus. Imitaram Seu Filho Jesus, o Mártir dos Mártires crucificado, que levou o seu amor até ao extremo (Jo. 13,16-20).

Esta foi a primeira *“missão ad gentes”* na história da Igreja.

A notícia do seu martírio terá chegado a Francisco, que muito se alegrou e louvou a Deus, dizendo: *“agora, sim, tenho 5 verdadeiros frades menores”*.

Após o martírio, os seus restos de vida terrena, por altos desígnios de Deus, vieram para esta Igreja de Santa Cruz, e aqui se encontram em digna veneração.

A [Igreja dos Santos Mártires](#), em [Marraquexe](#), foi-lhes dedicada em 1929.

À volta destes heróis se contam verdadeiros milagres, à mistura, também, com muitas lendas que o povo de Deus criou. Um desses milagres poderá ter sido a vocação franciscana de **Santo António de Lisboa**, de cónego regrante de S. Agostinho, com o nome de Fernando de Bulhões, para Frei António. Aqui em Santa Cruz ele servia a Igreja. Visitava com frequência o pequeno ermitério dos frades, em Santo Antão dos Olivais, tornando-se grande admirador do estilo de vida evangélica desses frades, caracterizado sobretudo pela alegria, pela simplicidade, a pobreza e a humildade. Apreciava-os a andar, de porta em porta a pedir esmola. Também terão passado na Igreja de Santa Cruz, cruzando com ele e estendendo-lhe a saca das esmolas.

Quando esses seus amigos são martirizados e os seus restos de vida regressaram a Coimbra, ele mesmo os recebeu e venerou. Na sua alma nasceu uma santa ambição inquieta: a missão não pode parar, a Palavra de Deus é para salvação de todos. Deseja sinceramente ser um dos seus continuadores e, porque não, como eles, mártir da fé.

Pede e alcança a graça de vestir o mesmo burel desses heróis e professar a vida evangélica franciscana, com estes sentimentos: *“Irmãos caríssimos, com vivo desejo vestirei o hábito da vossa Ordem se prometerdes enviar-me a terra de sarracenos, logo que eu entrar, na esperança de participar na coroa do martírio. E os frades, cheios de alegria com as palavras de homem tão insigne, fixaram para o dia seguinte a tomada de hábito”*. Já frade menor, na hora possível, com a bênção de Deus e dos irmãos, seguiu para Marrocos.

Estes heróis estiveram verdadeiramente na génese da vocação franciscana de Santo António e foram semente de franciscanismo em Portugal, nestes já oito séculos da sua presença.

Pela graça de Deus, continua viva. Em 1481 o Papa canonizou estes mártires, que vêm tendo um culto especial na Ordem Franciscana e aqui nesta igreja. O Papa Bento XIV (1740-1785) estendeu este culto a todas as dioceses de Portugal, celebrado no dia 16 de janeiro.

Esta é a história de oito séculos. Não se repete tal como foi, mas repete-se, de verdade, no hoje dos nossos dias, nos locais mais inóspitos do mundo, onde a perseguição à Igreja Católica se mentem. Confissões religiosas diferentes sentem incómodo ao confrontarem-se com a verdade libertadora que Cristo trouxe à terra.

Estes são os novos mártires de hoje, que alimentam a vida da Igreja. São eles a rega permanente da árvore da Vida da Igreja, que se junta ao Sangue de Cristo. É a imensa plêiada dos mártires de todos os tempos, sendo Cristo o mártir em todos os mártires. *“Seu sangue se junta ao Sangue de Cristo que nos redime; é seiva ardente escorrendo das mesmas veias rasgadas; morrendo nos vossos mártires, em todos viveis, Senhor”* (Hino do Comum dos Mártires). Suas vidas ficam a celebrar eterna e feliz memória: para recordar, contar, e continuar hoje. Cabe-nos a sua continuidade.

Como sabemos, Frei António seguiu, mas a sua “missão” em Marrocos foi brevíssima, porque interrompida pela doença. Aqui se manifestaram, mais uma vez, os desígnios insondáveis de Deus, que reservava a Frei António outra missão: pregar a Palavra de Deus e encher a Itália, e sul de França. Outra forma de dar a vida pelo Evangelho da Verdade, à imitação de Cristo. O Senhor fecundou a sua pregação com muitos milagres.

Celebrando o heróico martírio destes frades, recordamos Jesus, o Mártir em todos os mártires. O seu grande triunfo foi a Cruz. Dela brotou uma nova humanidade, uma nova história. O cristianismo venceu o Império Romano somente depois que milhares de mártires derramaram o seu sangue como tributo da implantação do Evangelho na Roma pagã.

Na verdade, em todos os lugares onde o Evangelho entrou e floresceu, o sangue dos mártires foi derramado como semente lançada na terra nova. Semente de cristãos. O martírio é uma graça que Deus concede a alguns, dando-lhes um inconformismo com os valores do mundo e uma opção absoluta pela verdade do Reino. Na Carta aos Romanos, o seu autor recorda: *“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”, experimentando “qual seja, boa, agradável, e perfeita, a vontade de Deus”* (Romanos 12:2). Diz ainda que os crentes devem entregar seus corpos a Deus *como sacrifício vivo, santo e agradável, como é o seu culto racional* (Romanos 12.1). Esta exortação, essencial ao viver cristão, estes irmãos mártires a puseram corajosamente em prática.

O homem necessita de modelos para se guiar na vida. Mas só existem dois: o modelo deste mundo, que um dia vai passar, e o modelo da vontade de Deus, que é boa, agradável, perfeita e eterna. Deus remodela nossas mentes a partir de dentro. Assim acontece com os mártires da fé. Neles, a fragilidade humana dá lugar ao poderoso amor de Deus.

Admirando estes modelos de crentes e franciscanos, a Província Portuguesa da Ordem Franciscana, após a sua restauração em 18 de outubro de 1891, adoptou-os como Patronos.

Cito Frei Henrique Pinto Rema, reconhecido historiador franciscano: *“o seu corajoso testemunho de fé, regado com o sangue do martírio, está na base da vocação do primeiro franciscano português, Santo António de Lisboa, e constitui o germen do franciscanismo em território luso, que, pela graça de Deus, se mantém vivo até hoje.*

A missão hoje continua. Em todas as vertentes, conscientes de que o chamamento para ela nos é feito pelo dom do baptismo. ***“Eu sou missão, tu és missão, a Igreja é missão: todos tudo e sempre Missão”*** (Mês Missionário 2019). Hoje, em particular junto dos mais pobres, os solitários, excluídos. São os *“leprosos”* de hoje que pedem um beijo aos seguidores daquele que corajosamente os abraçou, beijou e tratou.

Cito o nosso Ministro Geral Frei Michael Perry sobre estes Mártires:

“Quando existe uma clara visão franciscana da vida, ela ilumina todos e cada um dos pensamentos e acções realizadas pelos Franciscanos, em todo o mundo. Quando Francisco de Assis se encontrou com os socialmente excluídos, marginalizados, pobres e leprosos, reconheceu que Deus estava presente nestes irmãos e irmãs. Ao contrário, quando se retirava para a solidão para orar, reflectir e alimentar a sua relação com Deus, sentia com ele a presença de toda a humanidade e da criação, especial os que sofrem.

“Frades menores, celebrando os nossos antepassados mártires, queremos assumir o compromisso de abraçar o ardente desejo de Francisco, de partilhar a sua experiência do amor misericordioso de Deus com todos. Uma experiência que o levou a abraçar todas as pessoas como irmãs e irmãos, filhos e membros da única família de Deus.

Chamados a servir como pontes entre os confrades e as pessoas que sofrem: excluídos, marginalizados, repondo a dignidade de todos, em especial os que sofrem, das mais diversas formas. Isto nos leva a viver plenamente a nossa vocação de filhos amados, membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja, irmãos de todos os povos e de toda a criação, renovados e guiados pelo exemplo de Cristo e de Francisco. Chamado a seguir o caminho da santidade, na justiça, na paz e bondade com todos os seres da criação”. Termino com a oração que nos acompanhou nesta semana da vocação franciscana, que hoje encerra:

“Senhor, nós te louvamos pelo dom da nossa vocação;

nós te louvamos pelo dom da nossa Província;

nós te louvamos pelo dom de cada irmão.

Concede-nos, Pai bondoso,

por intercessão dos Protomártires,

que há 8 séculos deram a vida pelo Evangelho,

a fidelidade no seguimento de Teu filho Jesus,

para que, iluminados pelo fogo do Espírito Santo,

*demos testemunho do teu amor,
aos homens e mulheres do nosso tempo.
Assim seja. Ámen!”*

A intercessão dos Santos Mártires de Marrocos nos ilumina. Paz e Bem